

## LEITURA LITERÁRIA E EXCLUSÃO DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Marcelo Chiaretto  
UFMG

Tendo por base uma análise da revista *The Economist*, o empresário Antônio Ermírio de Moraes publicou na Folha de São Paulo de 17 de junho de 2001 um artigo em que tenta orientar a organização da sociedade moderna no Brasil. Era um domingo, dia em que este veículo de informação alcança quase um milhão de exemplares vendidos. Em suas palavras, o empresário é enfático ao dizer que “entre milhões que se perdem nas drogas e na marginalidade, é da juventude que está surgindo a revolução no conhecimento”. Ainda segundo ele, a sociedade moderna conta com os jovens e depende deles. Daí, para quem vai herdar um planeta, nada mais valioso do que ser bem-educado, pois, afinal de contas, para Antônio Ermírio, no mundo profissional competência é um requisito essencial, mas zelo pelo trabalho é ainda mais importante. Concluindo a partir do artigo em questão, há um grande desafio para as escolas de hoje: não basta informar, é preciso formar.

Vê-se que o empresário parte da leitura de uma revista especializada em economia e mercado para endossar um posicionamento claro: a sociedade brasileira, para que seja de fato moderna, está necessitando cada vez mais de bons profissionais, isto é, jovens que respeitem seu trabalho, de forma cordata, com espírito humanitário e familiar, compreendendo certamente seu lugar na hierarquia da sociedade, sabendo servir e receber ordens de maneira educada, pois “grande será o resultado se tirarmos das trevas os que estão impedidos de entender a natureza e a humanidade” (MORAES, 2001).

É difícil imaginar o espaço para a leitura literária em uma escola concebida nesses moldes. Uma escola encarada apenas como Instituição (con)formadora de mão de obra não pode perder tempo com debates, incertezas ou outros traços subjetivistas, uma vez que as

mudanças na ciência, na economia e na tecnologia estão atropelando todos os resquícios do dia passado repleto de dúvidas. É o tempo da digitalização.

No mesmo jornal e no mesmo domingo, Gilberto Dimenstein parece suplementar o pensamento pragmático do empresário. No artigo intitulado “O ex-presidente Clinton e a professora do Ceará”, o jornalista descobre talvez o maior risco para a formação em série deste jovem profissional educado e servil: a exclusão digital, ou seja, a legião dos sem computador que atrapalham o progresso das nações na era da informação. Preocupado com os desencantados jovens digitalmente excluídos, e se esquecendo da imensa multidão de professores sem condições de reciclagem profissional, sem disposição psicológica, sem esperança de reconhecimento social e sem cadeiras para acomodar os seus alunos socialmente excluídos, Gilberto Dimenstein (2001) comenta:

A eficiência das sociedades está ancorada, em larga medida, na sua capacidade de compartilhar conhecimento e, por conseqüência, de disseminar os códigos de informática. O analfabeto digital é um pária condenado à marginalidade: não contribui ao enriquecimento da comunidade e, pior, vai depender de algum tipo de assistência.

Diante das palavras do jornalista, certamente lidas e assimiladas por uma quantidade imensa de leitores, não há como discordar sobre a necessidade atual de “disseminar os códigos de informática” para que se possa evitar o surgimento de uma nova classe de excluídos. O problema estaria em entender o ato de “ensinar melhor” tendo como obstáculo o educador despreparado, exaurido, incapaz e, principalmente, sem computador.

O professor, sob essa ótica, seria um entulho a ser varrido pela era moderna, o tempo da velocidade e da técnica, proporcionado pela tecnologia que repudia qualquer desrazão ou desinformação. Em um Editorial da própria Folha de SP que justificava a existência de novos padrões de produção e transmissão de conhecimento, um dos membros do Conselho chega a mencionar que “as tecnologias que aumentam cada vez mais a velocidade da transmissão de

dados sugerem também uma realidade social e cultural próxima do ritmo dos impulsos cerebrais” (Folha de São Paulo, 2002). Desse modo, pode-se deduzir que a busca pelo conhecimento, ou então, a ânsia por evitar a exclusão do conhecimento nos tempos atuais, se antes passava pela desnacionalização, hoje passa pela desnaturalização do sujeito e de sua realidade social, produto da ultra-aceleração provocada pela informática e pelos meios de comunicação. Em vista do essencial celebrado por Antônio Ermírio, Gilberto Dimenstein e pelo membro do Conselho Editorial do jornal citado, descobre-se que a força humana erótica e vital está sendo cada vez mais direcionada para o trabalho imediato, cronologicamente projetado, fazendo da velocidade uma espécie de droga que paulatinamente reduziria o prazer no sexo, na amizade, no próprio trabalho e, sobretudo, nas escolas.

### **O poder do jogo**

Seria pertinente remeter-se aqui ao historiador holandês Johan Huizinga. Em sua obra *Homo Ludens* (1980), ele demonstra, a partir da relação do ser humano com a idéia de brincadeira, que a cultura e a própria civilização podem ser vistas como o resultado de um jogo. As mais diversas atividades humanas, dentre elas: linguagem, filosofia, guerras, leis, teriam como fundamento, segundo Huizinga, as evoluções de brincadeiras. Em todas as dimensões, haveria espaço para competições, ilusões, divertimentos e mesmo espaço para matar o tempo, em um desafio à realidade agora então deslocada ao bel prazer. A escrita, como caso particular, poderia ser vista como um mix lúdico de sons, símbolos e significados, onde o leitor encontraria não apenas aquilo que ele objetivamente buscaria — no caso de uma leitura funcional — , como também perceberia a sua voz, o seu olhar, sem intervenção mecanizada, sem padrão pré-estabelecido, sem tempo nem hora de informar ou revelar. É a própria leitura literária que, enquanto processo social e individual, concede tempo para a

imprevisibilidade do sujeito leitor, respeitando sua carga subjetiva conformada em experiências, sentimentos, pensamentos e desejos sem nenhum juízo.

Enquanto um dos sub-projetos que compõe o atual projeto global do Grupo de Pesquisa do Letramento Literário (GPELL), intitulado “Letramento literário no contexto da biblioteca escolar”, levo à frente atualmente uma pesquisa que estuda a visão do comércio editorial sobre a leitura literária juvenil e a história dos livros *sem tempo de estar* na biblioteca escolar. Em conformidade com o que o próprio nome demonstra, este projeto busca colocar, como objeto de sua análise, os livros para público juvenil disponibilizados pelas editoras comerciais que se manifestam caracteristicamente como *sem tempo* para preencher as estantes da biblioteca escolar. Isso seria constatado seja pelo fato de que tais livros se apresentariam sem interesse em firmar uma relação de fato atemporal, crítica e interlocutória com o leitor, seja pelo fato de que foram produzidos conforme uma concepção por demais mercadológica, tecnicista e modernizante. Dentro desta pesquisa, analiso mais detidamente as estratégias comerciais firmadas pelas editoras com o fim de distorcer a idéia de leitura literária, estratégias estas que, aqui, têm seu estudo inviabilizado devido aos limites de tempo.

É relevante destacar neste momento que a intenção ora explicitada não seria com efeito a de negar a modernidade em sua visão de progresso e de velocidade. Como disse Milton Santos (2001:12):

Aqui não se trata de pregar o desconhecimento da modernidade — ou uma forma de regresso ao passado — , mas de encontrar as combinações que, segundo as circunstâncias próprias de cada povo, a cada região, a cada lugar, permitem a construção do bem-estar coletivo. É possível dispor da maior velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz.

Conforme uma visão dominante, afinam-se os livros, reduzem-se períodos e capítulos, montam-se narrativas simplificadas e superficiais, firmando a virtude nos livros produtores de

leitura tecnicamente veloz e econômica. No mundo de hoje, as obras de literatura parecem ter que optar entre ser ou recipientes de informação ou de entretenimento. Tornam-se assim mais do que fundamentais a atenção às concepções de estudiosos como Roland Barthes, que enfatiza a opção de se encontrar a virtude no ato de se poder ler levantando às vezes os olhos, interrompendo com frequência a leitura não por desinteresse mas, ao contrário, por afluxo de idéias, excitações, associações: “é essa leitura, ao mesmo tempo desrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre” (BARTHES, 1984:40). É uma leitura sem a imposição do tempo, sem autoridade, que reencontra a perspectiva do prazer no momento da hesitação e do estranhamento, levando ao conhecimento de si mesmo e do mundo.

Em conformidade com os pensamentos de Adorno, o poder da racionalidade instrumental não está simplesmente em estabelecer verdades: seu poder está em reduzir toda racionalidade ao *ou isto ou aquilo*, sempre uma alternativa entre a ordem vigente e um grande disparate. É o momento de relembrar Huizinga e sua noção de brincadeira que confunde a ordem e o disparate. Quando se coloca em discussão o teor ideológico do mundo da tecnologia, o estudioso holandês parece abrir as portas para certas inquições de Herbert Marcuse (1969). Na sociedade moderna, é urgente retomar a perspectiva do prazer na escola sem que sejam indispensáveis mediações disciplinadoras. Conforme destacou o filósofo alemão, o ser humano começou a ter dificuldades de sentir gozo em suas atividades cotidianas no momento em que perdeu o poder de se relacionar abertamente com o outro. Tal fato teria ocorrido devido a uma percepção do mundo exterior amplamente simplificada e objetivista, uma vez que o mundo interior do sujeito logrou reproduzir o cálculo, a frieza e o distanciamento exaltados pela razão e pelo trabalho intermediado por máquinas. Para reencontrar o prazer, seria fundamental abrir mão de velhos hábitos e de atitudes mecânicas e olhar o outro com mais atenção e menos desinteresse.

A escola, pelo seu potencial de unir coletividades com pensamentos e idéias diferenciados, representaria um grande papel nesse processo de recuperação das relações pessoais, nesse processo de revigoração da imaginação, da capacidade poética e lúdica. Seria um ótimo antídoto contra o discurso impessoal que impera nos contatos insuflados pela Internet. Segundo um ponto de vista fiel às sugestões da tecnologia digital, bate-papo, namoro e sexo pelo computador podem substituir a intimidade dos relacionamentos, já que basta buscar outro *site* para que uma nova relação — e novos parceiros — surjam nos monitores.

### **O cheiro do papel e da tinta**

A 17ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, ocorrida em abril deste ano, possibilitou conclusões interessantes. De fato, há ainda muitos que temem uma substituição do livro convencional pelo eletrônico. Entretanto, como informou Elio Demier (proprietário da Editora Bom Texto, uma das editoras de maior comercialização de e-books no Brasil), a baixa rentabilidade observada neste mercado — em uma situação vivida até nos Estados Unidos — explica-se por certos traços do livro convencional que escapam aos avanços tecnológicos: “O livro de papel tem forma, cheiro, manuseio, coisas que atraem e prendem o leitor. O que terá o e-book para prender o leitor?” (Apud ANGIOLILLO, 2002).

Nota-se que não há espaço para a substituição, mas para a convivência. Sem negar a modernidade e sua tecnologia, percebe-se como urgente o encontro de combinações, de alternativas, de uma convivência democrática e interativa entre o visto como *novo* e o divulgado como *antigo*. Professores sem computador não podem ser vistos como culpados pela ignorância digital dos alunos, não são párias a trabalhar no escuro, mas profissionais com direito de seguir outros caminhos, com direito de contribuir com o seu saber no processo lento que será este, o processo de inclusão do conhecimento digitalizado na sala de aula.

O historiador norte-americano Robert Darnton (2001:5) se disse horrorizado quando soube que o projeto original para um novo campus da Universidade da Califórnia em Monterrey nem sequer incluía uma biblioteca. Para ele:

Imaginamos as bibliotecas como o núcleo de nossos campi, mas esse seria um novo campus sem uma biblioteca. Os projetistas julgaram que os computadores seriam suficientes, supostamente porque acreditavam que os livros nada mais fossem que recipientes de informação. Hoje muitos estudantes adotam essa atitude, e não só na Califórnia. Aham que pesquisar é surfar. Quando escrevem trabalhos, costumam surfar na Internet, baixar os arquivos, recortar, colar e imprimir. Se tal nos fornece um relance do futuro, é o quanto basta, a meu ver, para tornar a pessoa um opositor diante da mudança tecnológica.

Darnton também acredita na combinação entre digitalização e impressão. Todavia, levando em conta o livro tradicional, sua respectiva história e sobretudo sua leitura, o historiador não se vexa ao dizer: “preservem o livro, cerrem fileiras pela biblioteca”. Seria uma boa estratégia para resguardar a calma na leitura literária, o cheiro do papel e os contatos interpessoais dentro e fora da escola em prol de um futuro mais construtivo, democrático e aberto às diferenças.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- ANGIOLILLO, Francesca. O livro de papel dá sustento ao eletrônico. *Jornal Folha de SP*, São Paulo, 11.mai.2002. Ilustrada, p. 5.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DARNTON, Robert. O poder das bibliotecas. *Jornal Folha de SP*, São Paulo, 15.abr.2001. Caderno Mais, p. 4-7.
- DIMENSTEIN, Gilberto. O ex-presidente Clinton e a professora do Ceará. *Jornal Folha de SP*, São Paulo, 17.jun.2001. Cotidiano, p. 17.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. Trad. J. P. Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 1980.

- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MORAES, A. E. de. Um importante incentivo à profissionalização. *Jornal Folha de SP*, São Paulo, 17.jun.2001. Brasil, p. 2.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SANTOS, Milton. Elogio da lentidão. *Jornal Folha de SP*, São Paulo, 11.mar.2001. Caderno Mais, p.14-15.